



**DACEC** Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 14/08/2020 a 20/08/2020

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**  
**Jaciele Moreira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>14/08/2020</b>	9,03	289,70	31,53	5,00	3,24
<b>17/08/2020</b>	9,12	298,30	31,30	5,16	3,31
<b>18/08/2020</b>	9,12	296,60	31,58	5,07	3,27
<b>19/08/2020</b>	9,12	295,70	31,67	5,12	3,25
<b>20/08/2020</b>	9,03	293,80	31,30	5,19	3,24
<b>Média</b>	<b>9,08</b>	<b>294,82</b>	<b>31,48</b>	<b>5,11</b>	<b>3,26</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>	Média*	
RS – Panambi	<b>118,50</b>	
RS – Não Me Toque	<b>118,00</b>	
RS – Londrina	<b>111,00</b>	
PR – Cascavel	<b>110,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>115,00</b>	
MS – Maracaju	<b>130,00</b>	CIF
GO - Rio Verde	<b>103,00</b>	
BA – L.E.Magalhães	<b>114,00</b>	
<b>MILHO(**)</b>		
Porto de Santos	<b>62,00</b>	CIF
Porto de Paranaguá	<b>58,00</b>	CIF
Porto de Rio Grande	<b>S/C</b>	
RS – Panambi	<b>47,00</b>	
SC – Rio do Sul	<b>50,00</b>	
PR – Cascavel	<b>47,00</b>	
PR – Londrina	<b>47,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>42,00</b>	
MS – Maracaju	<b>47,00</b>	
SP – Itapetininga	<b>55,00</b>	
SP – Campinas	<b>60,00</b>	CIF
GO – Rio Verde	<b>46,00</b>	
GO – Jataí	<b>46,00</b>	
<b>TRIGO (**)</b>		
RS – Panambi	<b>57,00</b>	
RS – Não Me Toque	<b>56,00</b>	
PR – Londrina	<b>58,00</b>	
PR – Cascavel	<b>60,00</b>	

Período: 19/08/2020

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 20/08/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	<b>46,47</b>	<b>117,39</b>	<b>55,77</b>

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
20/08/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	<b>71,81</b>
Feijão (saco 60 Kg)	<b>210,00</b>
Sorgo (saco 60 Kg)	<b>36,40</b>
Suíno tipo carne (Kg vivo)	<b>4,83</b>
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	<b>1,71**</b>
Boi gordo (Kg vivo)*	<b>7,24</b>

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Julho/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago voltaram a melhorar nesta semana. O primeiro mês cotado se consolidou acima dos US\$ 9,00/bushel, trabalhando grande parte da semana em US\$ 9,12, a melhor cotação desde a terceira semana de janeiro do corrente ano. Todavia, na quinta-feira (20) o mercado voltou a recuar, fechando em US\$ 9,03/bushel, contra US\$ 9,07 uma semana antes.

O motivo principal da firmeza está no fato de que as condições das lavouras nos EUA pioraram após a passagem de uma tempestade no Meio-Oeste local, especialmente no Estado de Iowa. Assim, no conjunto das lavouras, tais condições ficaram em 72% entre boas a excelentes em 16/08, perdendo dois pontos percentuais. Em Iowa as mesmas caíram para 62% apenas. Cerca de 84% das lavouras estadunidenses estavam com formação de vagens até a data indicada.

Vale também destacar que, diante da relativa recuperação da economia mundial após o auge da pandemia do Covid-19, a demanda por combustíveis aumentou. Isso eleva o preço do óleo de soja, principal componente do biodiesel. Em Chicago, o mesmo está sendo cotado acima de 30 centavos de dólar por libra-peso desde o final de julho, sendo que no dia 12/08 sua cotação bateu no mais alto nível desde o dia 24 de janeiro passado (32 centavos de dólar por libra-peso).

Por outro lado, apesar dos atritos políticos dos EUA para com a China, o país asiático continua comprando soja norte-americana. Isso sustenta as vendas externas estadunidenses, sendo que na semana encerrada em 13/08 o total embarcado, para diferentes destinos, chegou a 785.075 toneladas, elevando o volume total do ano comercial para 40,95 milhões de toneladas. Mesmo assim, ainda abaixo do pouco mais de 43 milhões que foram exportados no mesmo período do ano anterior.

Por sua vez, a Associação Nacional dos Processadores de Oleaginosas dos EUA indicou que o esmagamento de soja naquele país, no mês de julho, somou 4,85 milhões de toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado, porém, acima do esmagado em junho (4,55 milhões de toneladas) e também acima do volume triturado em julho do ano passado (4,57 milhões de toneladas).

E aqui no Brasil, os preços da soja voltaram a subir, agora puxados também pelo câmbio, o qual voltou a ultrapassar os R\$ 5,50 por dólar em alguns momentos da semana. Assim, nem mesmo o leve recuo no valor dos prêmios (US\$ 1,65/bushel em Paranaguá no dia 19/08) segurou os preços internos.

Desta forma, a semana fechou com a média no balcão gaúcho batendo em R\$ 117,39/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços assim ficaram: R\$ 110,00 a R\$ 111,00 no Paraná; R\$ 115,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 130,00 no CIF Maracaju (MS); R\$ 103,00 em Rio Verde (GO); e R\$ 114,00/saco em Luís Eduardo Magalhães (BA).

Os preços nacionais da soja vêm subindo semanalmente, diante de uma demanda externa e interna expressiva, após uma frustração parcial na última safra, registrada no sul do país. O Brasil já teria exportado 77,7 milhões de toneladas até o momento,

superando o volume esperado para todo o ano, devendo atingir no final cerca de 82 milhões de toneladas.

A forte demanda externa faz com que as indústrias brasileiras aumentem os preços para tentar segurar algum produto localmente, assim como aumentam as importações de soja do Paraguai e da Argentina.

Neste contexto, os derivados da soja também sobem de preço. No Mato Grosso, por exemplo, o óleo de soja atingiu a R\$ 4.300,00 por tonelada na última semana, batendo um recorde histórico. Este valor seria 79,2% superior ao registrado no mesmo período de 2019. As próprias exportações de óleo de soja, que estavam previstas para apenas 300.000 toneladas neste ano, pelo Brasil, já atingiram a 979.000 toneladas, enquanto as de farelo acumulam 11,3 milhões de toneladas, superando os volumes do ano passado nesta mesma época.

Desta forma, o chamado “complexo soja” (grão, farelo e óleo) está com 90 milhões de toneladas exportadas até o momento, contra 65,3 milhões no mesmo período do ano passado. Ou seja, 75% da última safra já foi embarcada, contra 56% no mesmo momento do ano passado. Com isso, o quadro de aperto na oferta interna da oleaginosa continuará grande até o início de fevereiro, quando entra a nova safra. Portanto, os preços dificilmente irão recuar no curto prazo, salvo uma mudança de rumo no câmbio.

A situação é tão positiva para os preços que, fato raro, em muitas regiões do país os mesmos estão acima dos praticados em Chicago neste momento. Desta forma, o plantio da nova safra da oleaginosa, que logo se inicia, se dará com mais de 50% desta futura safra já vendida, superando o recorde de 2015, quando nesta época 26% da safra estava vendida.

Aliás, os produtores já estão vendendo a safra de 2021/22, que será semeada a partir de setembro de 2021, sendo que no interior do Paraná houve ofertas futuras de R\$ 104,00/saco para aquela safra. Isso paga largamente os custos de produção estimados, levando os produtores, com razão, a anteciparem vendas. Afinal, todo mundo sabe que este momento é excepcional para os preços da soja e que não tende a durar para sempre.

Como já frisamos no comentário passado, segundo os indicadores da Esalq/BM&FBovespa, os preços da soja neste momento, tomando o Paraná como referência, já estão nos melhores níveis reais da história, superando o pico atingido em novembro de 2012. Ou seja, retirando a inflação do período, a soja está oferecendo uma remuneração positiva superior àquela. Ao mesmo tempo, os indicadores de soja de Paranaguá e do interior do Paraná estão com a menor diferença desde 2016.

Ainda em termos de exportações, na semana entre o 9 e o 15 de agosto o Brasil exportou 1,48 milhão de toneladas de soja e 512.564 toneladas de farelo.

Quanto a nova safra, espera-se uma área total semeada de 38 milhões de hectares no Brasil e uma produção final que pode chegar a 131 milhões de toneladas em clima normal. No geral, a área nacional poderá crescer até 3% em relação ao ano anterior.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho se mantiveram firmes durante esta semana, porém, sem grandes variações em relação ao final da semana anterior. O bushel do cereal, para o primeiro mês cotado em Chicago, fechou o dia 20/08 em US\$ 3,24, contra US\$ 3,25 uma semana antes.

Vale registrar que no dia 11/08 houve tempestades nas regiões produtoras dos EUA, especialmente no Estado de Iowa, o que reduziu a qualidade das lavouras de milho. Com isso, o conjunto de lavouras entre boas a excelentes recuou para 69%, com perda de dois pontos percentuais sobre a semana anterior. Já em Iowa este indicador caiu para 59%, perdendo 10 pontos percentuais. Por sua vez, 76% das lavouras estadunidenses, até o dia 16/08, estavam em enchimento de grão.

Por outro lado, as exportações de milho por parte dos EUA ficaram praticamente nos mesmos níveis da semana anterior, atingindo a 1,04 milhão de toneladas. Assim, em todo o ano comercial o volume total chega a 40,3 milhões de toneladas, contra mais de 46 milhões em igual momento do ano anterior. Os EUA espera, exportar 45,1 milhões de toneladas de milho neste atual ano comercial.

O mercado agora acompanha com ainda mais atenção o clima no Meio Oeste estadunidense e espera, com expectativa, os números do relatório semanal das condições das lavouras, previsto para o dia 24/08, o qual trará com mais precisão os efeitos das tempestades ocorridas no dia 11 passado sobre as lavouras locais do cereal.

Aqui no Brasil, os preços continuaram firmes, com a média gaúcha atingindo a R\$ 46,47/saco no fechamento da semana, enquanto nas demais praças nacionais os valores médios assim ficaram: R\$ 50,00 no centro de Santa Catarina; R\$ 47,00 no Paraná e também em Maracaju (MS); R\$ 42,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 55,00 em Itapetininga (SP); R\$ 60,00/saco no CIF Campinas (SP); e R\$ 46,00/saco nas regiões goianas de Rio Verde e Jataí.

Na B3, puxados pela desvalorização do Real, que chegou a ultrapassar os R\$ 5,50 por dólar durante a semana, o vencimento setembro iniciou o dia 20/08 cotado a R\$ 60,69/saco, enquanto novembro ficava em R\$ 59,94; janeiro em R\$ 60,10 e março em R\$ 59,19/saco.

A oferta continua se balizando na colheita da safrinha e nas exportações. Neste último caso, entre os dias 09 e 15 de agosto o Brasil exportou 1,41 milhão de toneladas de milho, prevendo atingir na corrente semana mais 1,7 milhão de toneladas.

Segundo a Secex, nos 10 primeiros dias úteis de agosto o Brasil exportou 3,5 milhões de toneladas de milho, o que significa 84% do total de todo o mês de julho. A média diária de embarques em agosto está 94% acima do que a média do mês passado, confirmando a aceleração das vendas externas do cereal. Tal média diária superou em 5,3% a média registrada em agosto do ano passado. O preço da tonelada exportada ficou em US\$ 162,30, ou seja, 4,7% abaixo da média do ano passado nesta época.

O país deverá exportar 30 milhões de toneladas de milho, havendo analistas que esperam um volume que pode chegar a 35 milhões, após o recorde de 42 milhões de toneladas do ano anterior.

Se tal exportação não se confirmar, poderá haver pressão baixista nos preços do cereal na virada do ano. Especialmente se o plantio da nova safra de verão registrar aumento de área e o clima colaborar.

Em termos regionais, o Mato Grosso do Sul chegou a 38% de colheita de sua safrinha, contra 93% no mesmo período do ano passado e 78% na média histórica, confirmando o enorme atraso na mesma. O clima atrasou o plantio e agora retarda a colheita, fazendo com que as previsões de encerramento da mesma aponte o dia 18/09 apenas. A comercialização desta safra já atinge a 54,8% do total, ficando acima do registrado no ano passado na época (48,8%). O preço médio nominal local está hoje 56% acima do registrado no mesmo período do ano passado. (cf. Famasul)

Já em Goiás a colheita chegava a 98% da área total neste início de semana, com preços também em alta. (cf. Ifag)

No Paraná, 63% da área da safrinha havia sido colhida até o início da corrente semana, sendo que 45% das lavouras restantes estavam em boas condições, 39% regulares e 16% ruins. (cf. Deral)

No Mato Grosso, a colheita da safrinha está finalizada, sendo que o preço médio no Estado ficou em R\$ 38,54/saco. Este preço paga largamente o custo de produção total que estaria em R\$ 22,66/saco nesta safrinha. (cf. Imea)

Enfim, em relação a nova safra de verão 2020/21, o Rio Grande do Sul já iniciou o seu plantio. Em algumas regiões, como o caso de Santa Rosa, o mesmo já atingiria a 36% da área local esperada. (cf. Emater) Neste sentido, preocupa a forte possibilidade de geadas nestes dias finais da corrente semana, pois a mesma pode causar prejuízos em alguns locais do Estado onde o milho já estaria emergindo.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago melhoraram nesta semana, ultrapassando novamente os US\$ 5,00/bushel. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (20) em US\$ 5,19/bushel, contra US\$ 4,96 uma semana antes.

A colheita do trigo de inverno nos EUA chegava a 93% do total no dia 16/08, contra a média histórica de 96% para o período. Já o trigo de primavera indicava uma colheita de 30% da área na mesma data, contra 43% na média histórica. Na oportunidade, as condições das lavouras de trigo de primavera ainda a serem colhidas se apresentavam com 69% entre boas a excelentes, 24% regulares e 7% entre ruins a muito ruins.

Já as exportações estadunidenses de trigo atingiram a 462.000 toneladas na semana anterior, somando um total de 5,6 milhões de toneladas no atual ano comercial iniciado em 1º de junho, ficando nos mesmos níveis dos registrados na mesma época do ano anterior.

Aqui no Brasil, os preços do trigo se mantêm firmes e em elevação em algumas regiões. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 55,77/saco, enquanto no Paraná os preços permaneceram entre R\$ 58,00 e R\$ 60,00/saco, e em Santa Catarina o valor continuou em R\$ 56,00/saco na região de Palma Sola.

A grande preocupação passa a ser agora os efeitos das fortes geadas que devem ter atingido a região produtora do sul do Brasil, a partir de meados desta semana. Segundo a meteorologia, a extensão desta massa de ar polar é enorme, devendo alterar parcialmente o clima inclusive no Amapá. Nas próximas semanas teremos melhores informações sobre o tamanho dos estragos no trigo, caso os mesmos tenham ocorrido.

Dito isso, o Brasil importou 509.100 toneladas do cereal em julho. Cerca de 80,5% deste total veio da Argentina. Em relação as compras nacionais de julho de 2019 houve uma redução de 9% no volume. Assim, nos primeiros sete meses do ano os moinhos brasileiros já importaram 4 milhões de toneladas de trigo, ou seja, 2,6% acima de igual período do ano passado. Entretanto, o valor pago pelo produto foi 5,7% menor do que o pago no ano passado, mesmo com a forte desvalorização do Real neste ano.

Vale destacar igualmente que as importações de trigo procedentes dos EUA mais do que dobraram nestes sete primeiros meses do ano, alcançando 239.600 toneladas, ou seja, 133% acima do registrado no mesmo período de 2019. Isto se deve particularmente à isenção da tarifa de 10% que o Brasil adotou sobre as importações de trigo vindas de fora do Mercosul. Esta isenção permite importar 750.000 toneladas anuais nestas condições. Segundo o governo dos EUA, somando as últimas vendas efetuadas para o Brasil, as importações nacionais de trigo estadunidense já chegariam a 483.100 toneladas neste momento. Em julho o país importou também 70.000 toneladas da Rússia. O Brasil deverá importar um total ao redor de 6 milhões de toneladas de trigo neste ano comercial, porém, este volume agora dependerá do que realmente será colhido do produto de qualidade superior a partir de setembro.

Tanto o cereal russo quanto o norte-americano são utilizados pela indústria moageira para mescla da farinha de panificação pelo teor de proteína acima do trigo argentino e doméstico. As compras dessas origens ocorrem sazonalmente neste período, em virtude da entressafra argentina. (cf. Notícias Agrícolas)